



SEÇÃO: ARTIGOS

Valoração e responsividade: uma análise dialógica de discursos polêmicos

Valuation and responsiveness: a dialogical analysis of polemical discourses

Valoración y capacidad de respuesta: un análisis dialógico de los discursos polémicos

Douglas Corrêa da

Rosa¹

orcid.org/0000-0002-3594-4437

douglascorreadarosa@yahoo.com.br

Alex Meneghete Vaz²

orcid.org/0000-0002-1348-9701

prof.alexmeneghete@gmail.com

Recebido em: 14 abr. 2021.

Aprovado em: 29 nov. 2021.

Publicado em: 20 abr. 2022.

Resumo: Este artigo tematiza o fenômeno da valoração e da responsividade motivadas por enunciados polêmicos no contexto político de 2017, sob a ótica da Análise Dialógica do Discurso - ADD. O objetivo geral foi analisar as relações dialógicas e valorativas de discursos polêmicos em torno de uma palestra publicada na plataforma *on-line YouTube* e dos comentários a ela proferidos. A investigação se justifica, uma vez que se torna importante refletir sobre a responsividade resultante de discursos que permeiam a seara nacional no cenário político brasileiro. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa-interpretativa, recorrendo-se à análise de frames da palestra e de comentários/posts produzidos por internautas, avaliando-se as valorações e as responsabilidades produzidas. Após a análise, constatou-se que a valoração nos enunciados proferidos motiva a responsividade identificada na contrapalavra dos interactantes. A contribuição alcançada advém da reflexão acerca do processo de interação dialógica de diferentes sujeitos sociais.

Palavras-chave: Análise Dialógica do Discurso. Valoração. Responsividade. Discursos polêmicos.

Abstract: This paper thematizes the phenomenon of valorization and responsiveness motivated by polemical utterances in the 2017 political context from the perspective of Dialogical Discourse Analysis - DDA. The overall objective was to analyze the dialogical and evaluative relations of polemical discourses around a lecture published on the online platform YouTube and the comments to it. The investigation is justified, since it becomes important to reflect on the responsiveness resulting from discourses that permeate the national arena in the Brazilian political scene. The research is characterized as qualitative-interpretative, resorting to the analysis of frames of the lecture and comments/posts produced by internet users, evaluating the evaluations and responsiveness produced. After the analysis, it was found that the valuation in the uttered utterances motivates the responsiveness identified in the interactants' counterword. The contribution achieved comes from the reflection about the process of dialogic interaction of different social subjects.

Keywords: Dialogical Discourse Analysis. Valuation. Responsiveness. Polemic Discourses.

Resumen: Este artículo tematiza el fenómeno de la valorización y la responsividad motivada por los enunciados polémicos en el contexto político de 2017, desde la perspectiva del Análisis Dialógico del Discurso -ADD. El objetivo general era analizar las relaciones dialógicas y valorativas de los discursos polémicos en torno a una conferencia publicada en la plataforma online YouTube y los comen-



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Secretaria Estadual de Educação (SEED-PR), Salto do Lontra, PR, Brasil.

² Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), Cascavel, PR, Brasil.

tarios a la misma. La investigación se justifica, ya que se vuelve importante reflexionar sobre la capacidad de respuesta resultante de los discursos que permean la arena nacional en el escenario político brasileño. La investigación se caracteriza por ser cualitativa-interpretativa, recurriendo al análisis de los encuadres de la conferencia y de los comentarios/posts producidos por los internautas, evaluando las valoraciones y la receptividad producida. Se comprobó que la valoración en los enunciados motivaba la capacidad de respuesta identificada en la contrapalabra de los interactuantes. El aporte logrado proviene de la reflexión sobre el proceso de interacción dialógica de diferentes sujetos sociales.

Palabras clave: Análisis dialógico del discurso. Valoración. Capacidad de respuesta. Discursos polémicos.

Introdução

Propõe-se, neste artigo, a estudar os fenômenos da valoração e da responsividade em enunciados polêmicos proferidos em contexto político no período de 2017 e de comentários que respondem dialogicamente a esses enunciados, sob a do Círculo de Bakhtin.

A delimitação temática focaliza o estudo de enunciados, com geração de dados resultante da investigação em dois vídeos publicados em 2017 na plataforma on-line *YouTube*. É pertinente, a partir das informações expostas, apresentar a seguinte pergunta investigativa: como são construídas as relações dialógicas e valorativas nos comentários relacionados aos enunciados analisados?

O intuito é o de refletir acerca das relações dialógicas e valorativas resultantes dos comentários (responsividades ativas) de interlocutores-internautas a partir do discurso político em questão.

Quando se publica um discurso, principalmente na rede mundial de computadores, a internet, ele fica sujeito a inúmeras réplicas com diferentes valores axiológicos, cada qual ligado intrinsecamente ao contexto social de seu locutor. Sendo assim, justifica-se esse estudo pela importância de estudar os processos dialógicos de responsividade na interação comunicativa.

Esta pesquisa caracteriza-se como de natureza teórico-prática e trata os dados analisados de forma qualitativa e interpretativista com a finalidade de explicar fenômenos da linguagem por meio do construto teórico da Análise Dialógica do Discurso (ADD). O plano de geração de

dados é realizado pela documentação indireta, tanto com relação à bibliografia utilizada como arcabouço teórico quanto em relação ao vídeo e aos comentários da plataforma on-line *YouTube* analisados.

O artigo é dividido em três seções: a primeira traz um esboço sobre o Círculo de Bakhtin e suas contribuições aos estudos da linguagem; a segunda focaliza a palavra e a contrapalavra no discurso político, tendo como base os conceitos de Pereira e Rodrigues (2014), sobre valoração, e de Menegassi (2009), ao tratar da responsividade ativa; a terceira e última seção é onde a palavra e a contrapalavra se embatem na arena da interação verbal, em que as análises revelam as relações dialógicas entre os discursos, seguida das conclusões.

O Círculo de Bakhtin: a natureza filosófica da linguagem e alguns conceitos-base

O "Círculo de Bakhtin" tem sido o nome utilizado para se referir ao grupo de intelectuais que se reunia regularmente entre os anos de 1919 e 1929, na Rússia, para discutir questões relacionadas à linguagem, à literatura e à arte, elaborando "[...] as bases de uma teoria materialista da criação linguístico-ideológica a partir da década de 1920" (RUIZ, 2017, p. 41). Trata-se de um grupo multidisciplinar, haja vista que seus membros pertenciam a áreas distintas do conhecimento: "o filósofo Matvei I. Kagan, o biólogo Ivan I. Kanaev, a pianista Maria V. Yudina, o professor e estudioso de literatura Lev V. Pumpianski [...] e Mikhail M. Bakhtin, Valentin N. Voloshinov e Pavel N. Medvedev" (FARACO, 2009, p. 13). Embora o grupo receba o nome de Bakhtin, é importante ressaltar que a escolha nada tem a ver com algum tipo de superioridade intelectual do autor, mas sim pela sua absoluta originalidade no pensamento linguístico-filosófico (FIORIN, 2008). As reflexões de Bakhtin e de outros pensadores do Círculo produziram uma nova postura em relação ao modo como a linguagem e língua são concebidas, tendo em vista que os conceitos, as reflexões e as indagações realizados pelos

estudiosos alteraram de maneira expressiva os estudos linguísticos.

No Brasil, as discussões do Círculo de Bakhtin também se fazem presentes. A esse respeito, pesquisadores interessados nos estudos do Círculo cunharam o termo Análise Dialógica do Discurso (ADD, doravante), que compreende uma metodologia de estudo da língua/linguagem, de modo a desvelar os fios discursivos que tecem o(s) enunciado(s) em análise. A especificidade dessa abordagem reside na necessidade de novos caminhos teórico-metodológicos que abarquem as particularidades discursivas que apontem para a relação entre o que é externo e o que é interno na linguagem (BRAIT, 2010, 2018; SOBRAL; GIACOMELLI, 2016).

Ao escolhermos como ponto de partida para nossas reflexões os escritos do Círculo, somos direcionados por uma visão analítico-dialógica, que prioriza a natureza viva da enunciação dos sujeitos e as inferências culturais que demarcam essas falas. Olhamos para a o que o sujeito diz como um ato responsável e responsável, que indica índices valorativos oriundos de diferentes locais de fala, e que, de cada um desses locais diferentes, marca o posicionamento axiológico daquele que enuncia. Esses aspectos são "observáveis" em função da concepção de linguagem, de língua, de enunciado, de sujeito (e outros conceitos) que se adota.

De acordo com Volóchinov (2017, p. 218-219, grifo do autor),

A realidade efetiva da linguagem não é o sistema abstrato de formas linguísticas nem o enunciado monológico isolado, tampouco o ato psicofisiológico de sua realização, mas o acontecimento social da interação discursiva que ocorre por meio de um ou vários enunciados.

De acordo com esse autor, a linguagem deve ser encarada como uma prática social, que tem na língua a sua realidade material. A linguagem e a língua, por sua vez, não ocorrem, portanto, por meio de uma ação isolada, mas sim por meio da interação entre os sujeitos. Então, ao assumir tal posicionamento, Volóchinov (2017) sinaliza a importância de compreendermos a língua em

sua relação dialógica. Isso é também corroborado nas reflexões de Bakhtin: "toda a vida da linguagem, seja qual for o seu emprego (por exemplo, a linguagem cotidiana, a prática, a científica e a artística), *está impregnada de relações dialógicas*" (BAKHTIN, 2005, p. 183, grifo nosso).

É por meio da linguagem e da língua que os sujeitos interagem socialmente, provocam mudanças e, ao mesmo tempo, são modificados pelo processo de interação estabelecido nos diferentes meios em que atuam. A interação se constitui como categoria básica e realidade fundamental da língua em que a dinamicidade do universo social é representada pelo diálogo.

Ao recorrermos à língua,

Na realidade, nunca pronunciamos ou ouvimos palavras, mas ouvimos uma verdade ou mentira, algo bom ou mau, relevante ou irrelevante, agradável ou desagradável e assim por diante. A palavra está sempre repleta de conteúdo e de significação ideológica ou cotidiana. É apenas essa palavra que compreendemos e respondemos, que nos atinge por meio da ideologia ou do cotidiano (VOLÓCHINOV, 2017, p. 181, grifo do autor).

Assim, as palavras – que são os elementos que fornecem sustentação à língua – só terão significado se forem inseridas em um dado contexto social de uso, na interação entre os sujeitos. Por exemplo, palavras como "isolamento", "distanciamento" e "quarentena" assumiram significados diversos em função do momento em que a humanidade como um todo passa, devido à pandemia do novo Coronavírus. Volóchinov (2017[1929]) afirma que as palavras são signos sociais e ideológicos, haja vista que têm um significado e remetem a algo que está situado fora de si mesmo (seja um objeto ou algum acontecimento), ou seja, refratam e refletem realidades distintas da sua, as quais, segundo o autor, são de algum fenômeno da natureza ou da consciência social.

Para Volóchinov, a "interação discursiva [...] ocorre por meio de um ou vários enunciados" (VOLÓCHINOV, 2017, p. 218-219, grifo do autor). As discussões acerca da concepção de enunciado estão localizadas em diversos textos produzidos por autores do Círculo, como os de autoria de Bakhtin (2016),

de Volóchinov (2017) e Medvièdev (2012). Em *O método formal nos estudos literários*, Medvièdev (2012) defende que o enunciado é o ato moldado em algum gênero do discurso e realizado por sujeitos organizados socialmente de uma determinada maneira. Em *Marxismo e filosofia da linguagem*, Volóchinov (2017) discorre a respeito da compreensão do termo quando aborda os conceitos de língua, fala e enunciado. Bakhtin (2016), em *Os gêneros do discurso*, afirma que o enunciado deve ser o verdadeiro objeto de análise para entender a constituição dialógica da linguagem:

A indefinição terminológica e a confusão em um ponto metodológico central no pensamento linguístico são o resultado do desconhecimento da real unidade da comunicação discursiva – o enunciado. Porque o discurso só pode existir de fato na forma de enunciados concretos de determinados falantes, sujeitos do discurso (BAKHTIN, 2016, p. 28).

Dessa maneira, o enunciado, sendo falado, escrito ou multissemiótico, pressupõe que haja um ato de comunicação social para ser efetivado, o que faz com que ele seja uma unidade real do discurso. A partir disso, Bakhtin (2016[1979]) advoga acerca do fato de que as diversas atividades verbais são construídas por enunciados concretos, os quais são, por sua vez, produzidos pelos sujeitos inseridos em uma atividade social igualmente concreta, ou seja, "o enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real" (BAKHTIN, 2016, p. 28). Esses se materializam em campos discursivos socialmente situados, por meio de elementos verbais (que podem ser orais ou escritos) ou, ainda, por gestos e expressões. Nas palavras do autor:

[...] o discurso só pode existir na forma de enunciados concretos de determinados falantes, sujeitos do discurso. O discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir. Por mais diferentes que sejam os enunciados por seu volume, pelo conteúdo, pela construção composicional, eles têm como unidades de comunicação discursiva peculiaridades estruturais comuns, e antes de tudo *limites* absolutamente precisos (BAKHTIN, 2016, p. 28, grifo do autor).

Podemos afirmar que o enunciado possibilita

que ocorra a interação entre dois ou mais sujeitos, haja vista que se origina na comunicação a partir do momento que um dos sujeitos se apropria de um discurso e o utiliza com base em seu ponto de vista. Nesse processo, há interação entre os sujeitos que podem, a partir da situação, da intenção, do interlocutor e do contexto sócio-histórico, assumir uma atitude responsiva, discutindo, direcionando, ampliando, concordando, melhorando aquilo que recebeu, agindo, pois, de uma forma ativa no ato enunciativo. O locutor, ao mesmo tempo, nos casos em que isso é possível, deseja essa postura do interlocutor, almeja um retorno, uma resposta, um diálogo.

Se considerarmos que a "[...] língua efetua-se em forma de enunciados [...]" (BAKHTIN, 2016, p. 11), é preciso ancorá-la em um contexto social, histórico e ideológico, reconhecendo que há um contexto específico (temporal e espacialmente demarcado) que abarca as enunciações e que interfere decisivamente nas formas de uso da linguagem. Logo, sob esse viés, para compreendê-la, é preciso considerar o estudo dos gêneros do discurso. Para o referido autor,

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. [...] O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. [...] Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso (BAKHTIN, 2016, p. 11-12, grifo do autor).

Como destacado no excerto, os gêneros e as suas especificidades correspondem às diferentes formas de usos da língua dentro de convívios culturais distintos. De acordo com Medvièdev (2012):

Gênero é um conjunto dos meios de orientação coletiva na realidade dirigida para seu acabamento. Essa orientação é capaz de compreender novos aspectos da realidade. A compreensão da realidade desenvolve-se e origina-se da comunicação social ideológica (MEDVIÈDEV, 2012, p. 200).

Assim, as condições específicas e a finalidade de cada campo da atividade humana são refle-

tidas pelos gêneros, considerando o seu conteúdo temático, o seu estilo de linguagem e a sua construção composicional (BAKHTIN, 2016). Os gêneros do discurso, nessa perspectiva,

[...] organizam o nosso discurso quase da mesma forma que o organizam as formas gramaticais (sintáticas). Nós aprendemos a moldar o nosso discurso em formas de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras, adivinhamos um determinado volume [...], uma determinada construção composicional, prevemos o fim, isto é, desde o início temos a sensação do conjunto do discurso que em seguida apenas se diferencia no processo da fala (BAKHTIN, 2016, p. 39).

Nessa perspectiva, compreendemos que, ainda que as formas da língua sejam estáveis, os gêneros são flexíveis, haja vista que, por meio deles, moldamos nosso discurso de acordo com a situação comunicativa. Em cada situação comunicativa, dependendo da esfera da comunicação, das escolhas lexicais ou da entonação, haverá um gênero que se molda para atender ao propósito comunicativo.

Os conceitos mobilizados até o momento não podem ser considerados sem outro "ingrediente" da teoria bakhtiniana, o dialogismo. Para Bakhtin (2011, p. 348),

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal.

Nessa perspectiva, o dialogismo, por ser uma característica da linguagem, não se restringe à conversação apenas, mas também às suas mais diversas manifestações. É encarado como característica fundamental da linguagem. Pressupõe a existência de outros e é de ordem social, já que diz respeito às relações de sentido entre os posicionamentos dos sujeitos. Os diferentes posicionamentos, ou vozes, possibilitam que se produzam relações dialógicas entre os enunciados (BRAIT, 2005).

Para Barros (2003), o dialogismo pode ser entendido sob dois aspectos: o da interação

verbal entre interlocutores, no espaço do texto; e o da intertextualidade no interior do discurso. No primeiro aspecto, a linguagem é o elemento que estabelece a relação entre os seres humanos e possibilita a interação verbal. Assim, os sujeitos estão em relação dialógica entre o *eu* e o *tu*, ou entre o *eu* e o *outro*, no texto. No segundo aspecto, verifica-se que o sujeito não é a origem do seu dizer; ao produzirmos nossos enunciados, apropriamo-nos de outros já produzidos; pauta-mo-nos em outras vozes. Dessa forma, nossos enunciados, organizados em determinado gênero do discurso e materializados em textos, são tecidos dialogicamente por diversas vozes sociais.

O conceito de dialogismo está imbricado nos demais já considerados até o momento: linguagem, língua, enunciado e gêneros do discurso. Além disso, como diz respeito às relações entre o eu e os outros, o dialogismo também se refere à valoração e à responsividade, como discorremos a seguir.

A relação entre valoração e responsividade ativa: a palavra e a contrapalavra em arena

Durante o processo de interação verbal, o sujeito produz enunciados que se moldam em gêneros discursivos, para se comunicar com seu interlocutor. Esse, por sua vez, emitirá um enunciado-resposta, seja ele atitudinal ou linguístico. Diante disso, Barros (2007) esclarece que todo enunciado tem significação, ele é essencialmente um objeto significante, porque é produto da enunciação ideológica, com explícitos e subentendidos, dentro de um contexto histórico, social e cultural.

Pereira e Rodrigues (2014) argumentam que é a partir do contexto extraverbal do enunciado que se pode confirmar a valoração decorrente das ideologias de um determinado locutor. A valoração está para o locutor assim como a responsividade ativa está para o interlocutor. Ambos estão interligados e são indissociáveis na cadeia de interação verbal. Para os autores, valoração e ideologia materializam-se tanto em enunciados quanto em gêneros discursivos, sendo o primeiro

conceito entendido como “índices sociais de valor” – pois o discurso depende de sua classe proveniente, dominante ou dominada socialmente – e o segundo como “horizonte axiológico do discurso” – por não haver neutralidade no discurso e pela[s] valoraçã[o]es materializada[s] no[s] enunciado[s] (PEREIRA; RODRIGUES, 2014, p. 177).

A despeito disso, Bakhtin (2016) enfatiza que o interlocutor, ao atentar-se para o discurso alheio, toma uma posição ativa em menor ou maior grau de acordo ou desacordo (total ou parcial) em relação ao enunciado, tendo em vista a reflexão feita ao longo do discurso, e, a partir disso, produz uma refração em virtude de que “toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante”, invertendo os papéis. (BAKHTIN, 2016, p. 25). Dito de outra forma, com base nos postulados de Pereira e Rodrigues (2014), o ato discursivo tem seu núcleo no âmbito social e, quando imbuído pela refração ideológica e valorativa do autor, faz surgir os enunciados.

Não existe enunciado neutro, justamente por advir da ideologia do sujeito social. Se é ideológico, nenhum enunciado pode escapar da tonicidade avaliativa daquele que o emite. Para Faraco (2009), nas discussões do Círculo,

[...] a significação dos enunciados tem sempre uma dimensão avaliativa, expressa sempre um posicionamento social valorativo. Desse modo, qualquer enunciado é, na concepção do Círculo, **sempre ideológico** – para eles, não existe enunciado não ideológico (FARACO, 2009, p. 47. grifo do autor).

E ainda complementa destacando os dois sentidos da palavra ideológica:

[...] E ideológico em dois sentidos: qualquer enunciado se dá na esfera de uma das ideologias (i.e., no interior de uma das áreas da atividade intelectual humana) e expressa sempre uma posição avaliativa (i.e., não há enunciado neutro; a própria retórica da neutralidade é também uma posição axiológica) (FARACO, 2009, p. 47).

Assim, não há dúvidas de que a valoração tem bases ideológicas (PEREIRA; RODRIGUES, 2014), enquanto a responsividade ativa está atrelada às

práticas sociais de comunicação verbal (BAKHTIN, 2003). Volochinov (2013) chama de valoração a atitude (verbal) de um sujeito perante determinada situação de interação com o outro, e que é justamente essa situação (contexto) que difere os sentidos do enunciado. Isso demonstra, cada vez mais, as relações dialógicas entre os sujeitos no momento de interação/comunicação verbal, o que reforça “a natureza social dos fatos linguísticos” (MENEGASSI, 2009, p. 151).

Na valoração, toma-se uma posição específica para produzir o ato verbal concreto (PONZIO, 2008), enquanto a responsividade ativa é a oportunidade de resposta do interlocutor ante o enunciado (MENEGASSI, 2009), ambos acentuados às ideologias próprias de cada produtor do discurso.

Valoração e responsividade ativa, para o Círculo, são instauradores das práticas sociais de linguagem, já que, segundo Menegassi (2009), não há enunciação pela linguagem/língua sem o estabelecimento de quem será(ão) o(s) destinatário(s) do(s) enunciado(s), do(s) qual(is) se espera uma resposta. Em síntese:

Todo ato é “inter-ação”, nunca ação isolada, o que impede que se intenda a valoração como ato puramente subjetivo: o sujeito só avalia em interação, o que molda sua valoração. [...] Como essa valoração ocorre apenas em interação, *a resposta presumida do interlocutor na interação é a responsividade ativa* (SOBRAL, 2009, p. 84, grifo nosso).

A compreensão sobre a responsividade ativa também implica saber que ela surge a partir do encontro das palavras carregadas de contextos ligados ao ideológico e à dimensão extraverbal, ou seja, ela é estimulada tanto pela convergência quanto pela colisão das palavras-signo, surgindo, assim, “coerções do contexto social da enunciação” (MENEGASSI, 2009, p. 158). Além disso, Menegassi (2009) reforça as questões sociais do enunciado, dizendo que a responsividade ativa é intrínseca às atividades sociais que se efetivam por meio da linguagem e da língua.

Sobral (2009) reforça que a posição social dos responsáveis pelos enunciados – locutor impregnado de valoração e interlocutor que responde

ativamente ao primeiro –, corresponde à ideologia presente em ambos os discursos, situados social e historicamente. Entendemos que há reações constantes à palavra alheia, que pode ser compreendida como qualquer outra que não seja a nossa própria palavra (BAKHTIN, 2016).

Podemos recapitular, neste momento, após explicitarmos essas questões essenciais sobre valoração e responsividade ativa, que a palavra, encarada como signo social e ideológico, se encontra em uma arena de embates de vozes sociais, cada uma tentando convencer o outro de um ponto de vista. Ao enunciar, não há como escaparmos de nossas próprias ideologias, nem da reflexão que o outro fará do nosso discurso, muito menos da refração (resposta já presumida) que surgirá, impregnada de outras ideologias. Não há responsividade ativa que não tenha sido ativada pela valoração do outro.

A interação verbal entre os sujeitos é como um "contrato sociointerativo" em que ambos, locutor e interlocutor, impreterivelmente demonstram seus valores axiológicos por meio da valoração e da responsividade ativa no ato enunciativo, emitem seus posicionamentos frente a um tema, não se esquecendo, sobretudo, de que ambos os enunciados dependerão das relações sociais entre os indivíduos, participantes do discurso, em um contexto espaço-temporal.

Os discursos polêmicos e o embate de vozes: a valoração e a responsividade

Ao focalizarmos discursos polêmicos a partir da ADD, fazemos isso em função do objeto de pesquisa, que é a própria linguagem e sua unidade básica, que é o enunciado (o discurso polêmico). Tais discursos são constitutivamente dialógicos porque se configuram em relações de conflitos (CUNHA, 2013). Há, desse modo, um embate de vozes sociais, de pontos de vista que perpassam o momento histórico de terminada situação comunicativa, com o objetivo de mostrar, muitas vezes, um espetáculo de injúrias. Para Cunha e

Oliveira (2021, p. 307):

Nas polêmicas, há uma polaridade de opiniões sobre determinados assuntos que ao ser difundidos, se chocam com a palavra do outro, provocando interpretações diferentes sobre um mesmo objeto. Nessa perspectiva, qualquer afirmação sobre o objeto é construída de maneira que, além de resguardar seu próprio sentido objetivo, eles atacam polemicamente o discurso do outro sobre o mesmo assunto e a afirmação do outro sobre o mesmo objeto.

A palavra polêmica, de origem grega *polemikós*, tem como significado algo "relativo à guerra".³ Mesmo que inicialmente a conotação esteja ligada à guerra, as primeiras discussões sobre a polêmica estão situadas no campo da retórica, na "arte do bem falar".

Bakhtin (1997 [1963]) discorre sobre dois tipos de polêmicas: a aberta e a velada. Na primeira categoria, a palavra, encarada como signo social e ideológico, apresenta o sentido extraído do objeto da polêmica, sem que o discurso do outro apresente a opinião do autor de maneira explícita. Na segunda categoria, há um discurso que ataca abertamente o objeto da polêmica, com a voz valorativa do falante.

Em *Problemas da Poética de Dostoiévski*, Bakhtin (1981, p. 159) exemplifica:

"A vida é boa". "A vida não é boa." Estamos diante de dois juízos revestidos de determinada forma lógica e um conteúdo concreto-semântico (juízos filosóficos acerca do valor da vida) determinado. Entre esses juízos há certa relação lógica: um é a negação do outro. Mas entre eles não há nem pode haver quaisquer relações dialógicas, eles não discutem absolutamente entre si (embora possam propiciar matéria concreta e fundamento lógico para a discussão). Esses dois juízos devem materializar-se para que possa surgir relação dialógica entre eles ou tratamento dialógico deles. Assim, esses dois juízos, como uma tese e uma antítese, podem unir-se num enunciado de um sujeito, que expresse a posição dialética uma deste em relação a um dado problema. Neste caso não surgem relações dialógicas. Mas se esses dois juízos forem divididos entre dois diferentes enunciados de dois sujeitos diferentes, então surgirão entre eles relações dialógicas.

O pensador russo, ao se referir à "posição dialética uma deste em relação a um dado problema", reforça a opinião de um sujeito e seu papel em

³ No dicionário Merriam-Webster, indica-se que a palavra inglesa *polemic* foi um empréstimo do francês (*polemique*), referindo-se a um "ataque hostil às ideias de outra pessoa". Em um resgate mais remoto, o dicionário menciona o termo grego *polemikós*, significando "relativo à guerra". Informações disponíveis em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/polemic>. Acesso em: 15 ago. 2021.

personificar essa relação dialógica. No caso de uma situação polêmica, cada um dos participantes tem uma função importante ao assumir posicionamentos, e a presença dos dois ou mais é pré-condição para que haja um debate e, consequentemente, para que seja caracterizado como um discurso polêmico.

Outro aspecto, como já acenado em seções anteriores, a produção de um enunciado é marcada pela historicidade; é um evento único que não se repete; acontece naquele momento histórico, naquele contexto específico, a partir de determinadas condições, com aqueles sujeitos. A posição assumida por cada sujeito do discurso e inserida na historicidade.

Agregando à discussão, Volochinov (2017, p. 140, grifo nosso) ressalta:

Essa síntese dialética viva entre o psíquico e o ideológico, entre o interior e o exterior, se realiza sempre reiteradamente na palavra, em cada enunciado, por mais insignificante que seja. Em cada ato discursivo, a vivência subjetiva é eliminada no fato objetivo da palavra-enunciado dita; já a palavra dita, por sua vez, é subjetivada no ato de compreensão responsiva. Como já sabemos, toda palavra é um pequeno *palco* em que as ênfases sociais multidirecionadas se *confrontam e entram em embate*. Uma palavra nos lábios de um único indivíduo é um produto da interação viva das forças sociais.

O autor ressalta que a palavra é um pequeno palco, uma arena, em que as vozes sociais, os discursos se confrontam, aludindo à ideia da palavra polêmica ("relativo à guerra"). O discurso polêmico, portanto, é permeado por relações dialógicas que caracterizam um tensionamento, algo característico à natureza da polêmica. Esse tensionamento é fundamental para se produzir o horizonte apreciativo de quem está inserido nessa arena, nesse palco.

A polêmica, de acordo com Amossy (2017), pode ser entendida como um fenômeno socio-discursivo que envolve a discussão de questões atuais que circulam no espaço público. O embate,

desse modo, ocorre por intermédio de discursos opostos, produzidos por sujeitos que assumem papéis e posicionamentos no plano enunciativo. Assim, "o antagonismo das opiniões apresentadas no seio de um confronto verbal é sua condição *sine qua non*" (AMOSSY, 2017, p. 49). Além disso, a autora pontua que o discurso polêmico é uma das formas que a polêmica pode assumir, tendo como destaque o dialogismo com discursos produzidos anteriormente. No entanto, apesar de ser dialógico, esse discurso não é dialogal, uma vez que não acontece na interação face a face com o adversário, mas se constitui de uma ação-resposta a outros enunciados produzidos anteriormente.

Na contemporaneidade, os ambientes digitais têm se tornado esses espaços de embates/lutas. Esse espaço é um terreno profícuo para a produção e circulação de polêmicas, visto seu largo alcance e seu confronto com outras culturas e modos de pensar. O uso indiscriminado do ciberespaço pode viabilizar ainda mais a visibilidade de assuntos polêmicos, uma vez que os próprios comentários, *tweets*, *posts* etc. podem acalorar discussões e inflamar polêmicas. A internet se constitui, desse modo, o que Bakhtin (1987) denomina como *praça pública*. Se, na praça pública, historicamente ocorriam manifestações diversas utilizando-se cartazes, cantigas e outros recursos para protestar ou promover discussões, no ambiente digital, isso ocorre por meio de múltiplas semioses.

No caso deste texto, apropriamo-nos da noção de discursos polêmicos em função do objeto de análise escolhido. Selecionamos um vídeo (tempo total de 10'25") publicado canal Coletivo Tupinambá,⁴ na plataforma on-line do YouTube, no dia 3 de abril de 2017, com trechos de uma palestra ministrada no Clube Hebraica Rio,⁵ localizado na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. O vídeo em questão recebeu um total 369 comentários e foi visualizado por mais de 30 mil pessoas. A palestra completa⁶ foi publicada pelo canal Nação

⁴ O vídeo com recorte encontra-se neste link: <https://www.youtube.com/watch?v=uF2EzmYSYzo>.

⁵ O presidente do Clube Hebraica, após as repercussões negativas da palestra, emitiu uma nota dizendo que a instituição não compactua com os posicionamentos do palestrante, porém, julga importante sempre ouvir posicionamentos contrários. A nota está acessível no seguinte endereço eletrônico: <http://www.hebraicario.com.br/noticias/comunicado-oficial>.

⁶ A palestra integral encontra-se no seguinte endereço eletrônico: <https://www.youtube.com/watch?v=Lp4KyLw8Wc>.

Brasileira, também no YouTube, com tempo total de 62min, mas recebeu apenas sete comentários. Escolhemos o vídeo com os recortes do canal Coletivo Tupinambá por destacar trechos polêmicos e porque muitos internautas teceram comentários.

O palestrante,⁷ à época, preparava-se para iniciar uma campanha para concorrer à Presidência da República. Embora seja um político há décadas, em 2017, tornou-se figura em evidência, sobretudo, pelas suas palavras que tanto agradaram quanto causaram repúdio. Apesar das polêmicas geradas, ele foi eleito Presidente da República em 2018, iniciando o mandato em 2019.

A palestra em questão gerou repercussões gigantescas, tanto que duas representações foram apresentadas à Procuradoria-Geral da República pedidos de investigação contra o político pelo crime de racismo, em função de suas afirmações na referida palestra (BOLSONARO..., 2017).

Os discursos do palestrante contrastam com diversos outros discursos de cunho social, por exemplo, os discursos machistas,⁸ misóginos,⁹ sexistas,¹⁰ homofóbicos,¹¹ ditatoriais e neofascistas – fascismo¹² acrescentado ao prefixo "neo" por entendermos as estruturas sociais, culturais, históricas e políticas como constituintes de novas idealizações e mudanças.

Esses enunciados (tanto a palestra quanto os comentários/posts a ela relacionados) foram selecionados em função da repercussão gerada em diversos setores da sociedade. Entre os temas abordados pelo palestrante, selecionamos dois trechos que mais geraram comentários, isto é, os enunciados-resposta, em torno de ideologias machistas, sexistas e racistas. As análises organizam-se a partir de uma ordem cronológica de enunciação da referida palestra.

Primeiramente, fizemos a transcrição dos dois trechos selecionados e, posteriormente, buscamos nos comentários/posts ao vídeo aqueles que a eles se referiam, fazendo um *print* da tela. No total, foram selecionados sete comentários/posts dos internautas.

O primeiro trecho da palestra que destacamos refere-se a uma viagem a Israel feita pelo político com seus filhos:

Eu fui com meus três filhos...¹³ eu falei o quê?, fui com meus três filhos. O outro foi também, foram quatro. Eu tenho um quinto também. O quinto eu dei uma fraquejada. Foram quatro homens, o quinto eu dei uma fraquejada veio uma mulher (risos dele e da plateia). Ela tem 6 anos de idade e foi feita sem aditivos (risos), acreditem se quiser (O FASCISMO..., 2017, transcrição nossa).

O primeiro discurso a ser analisado tem relações diretas com o machismo, a misoginia e o sexismo. O palestrante revela que tem quatro filhos, porém, em seguida, percebendo o ato falho, se corrige e menciona que também tem "um quinto filho", utilizando termos masculinos para se referir à filha, que é fruto de uma "fraquejada" e concebida sem o uso de aditivos, fazendo referência a fármacos utilizados para disfunção erétil, o que dialoga com o discurso de que homens a partir de certa idade têm dificuldades em manter a ereção durante as relações sexuais.

Ao relacionar o termo "fraquejada" para se referir à sua filha, o emissor toma posições machistas e sexistas, historicamente perpetuadas e com raízes no patriarcalismo – sistema em que o homem da casa é o detentor soberano da liderança e do poder. Além do mais, o discurso revela sua discriminação pelo "sexo frágil", nomenclatura muito atribuída às mulheres até os dias de hoje. E como todos os discursos naturalmente preve-

⁷ Por questões de preservação, não identificaremos o nome do palestrante.

⁸ Machismo: Supervalorização das características físicas e culturais masculinas associadas com o sexo masculino, em detrimento daquelas associadas ao sexo feminino, pela crença de que homens são superiores às mulheres.

⁹ Misógino: é o ódio, o desprezo e o preconceito contra mulheres e meninas e se manifesta nas sociedades patriarcais por meio diferentes formas de violência contra as mulheres.

¹⁰ Sexismo: é o preconceito ou discriminação baseada no sexo ou gênero de uma pessoa. O sexismo pode afetar qualquer gênero, mas é particularmente documentado como afetando mulheres e meninas.

¹¹ Homofobia: uma aversão irreprimível, repugnância, medo, ódio, preconceito que algumas pessoas nutrem contra os homossexuais, lésbicas, bissexuais, transexuais e transgêneros.

¹² Fascismo: regime autoritário com concentração total do poder nas mãos do líder do governo. Esse líder deveria ser cultuado e poderia tomar qualquer decisão sem consultar previamente os representantes da sociedade. Além disso, o fascismo defende uma exaltação da coletividade nacional em detrimento das culturas de outros países, não raro, recorrendo-se à violência e ao terror.

¹³ Alguém o interrompe e diz que ele tem quatro filhos.

em uma resposta, nesse caso, não foi diferente. A valoração discursiva do locutor fez com que surgissem responsabilidades ativas de comenta-

dores que assistiram à palestra pela plataforma on-line. Destacamos o primeiro comentário ao trecho em análise.

Figura 1 – Comentário 1 – “Fraquejada”



Fonte: O Fascismo... (2017)¹⁴.

O discurso fez com que um internauta o adjectivasse de inescrupuloso, justamente pela forma que ele expôs a filha durante a fala e ainda complementa chamando o discurso de ridículo. A responsividade ativa dessa internauta foi contrária à valoração dada pelo palestrante com relação aos discursos que se remetem ao sexo feminino e, principalmente, a sua descendente.

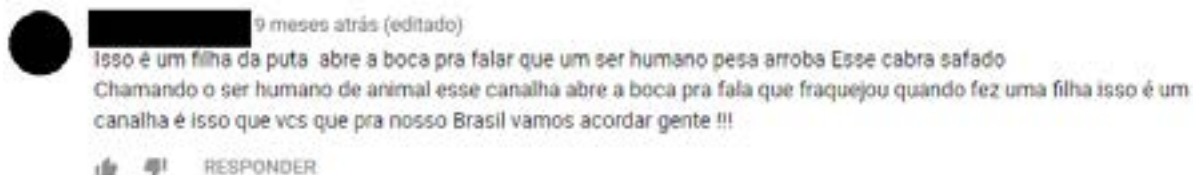
O Comentário 1 (Figura 1) dialoga com outro ponto de vista, o do Comentário 2 (Figura 2), que faz referência ao discurso sobre a filha do palestrante e ainda vem acrescido de réplicas ao comentário racista feito pelo palestrante, que, na

ocasião, enunciou que havia visitado uma aldeia quilombola em Eldorado, estado de São Paulo. O trecho referente aos quilombolas foi transcrito a seguir:

Eu fui num quilombola em Eldorado Paulista. Olha, o afrodescendente mais leve lá pesava 7 arrobas. Não fazem nada. Eu acho que nem pra procriadores servem mais (O FASCISMO..., 2017, transcrição nossa).

As palavras do palestrante relacionadas aos quilombolas geraram reações tais como a que observamos no Comentário 2 (Figura 2):

Figura 2 – Comentário 2 – “Fraquejada” e Quilombolas



Fonte: O Fascismo... (2017)¹⁵.

No discurso, o palestrante revela que “o afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas” (cerca de 105kg), o que revela e dialoga com os discursos gordofóbicos,¹⁶ termo utilizado para se referir ao preconceito com pessoas acima do peso “ideal”, socialmente imposto como padrão estético a ser seguido. Além disso, ele acrescenta: “Não fazem nada! Eu acho que nem para procriadores servem mais”.

No Comentário 2 (Figura 2), o enunciador utiliza palavras de baixo calão para exaltar sua

indignação à fala do palestrante e a acentua coordenando no discurso termos como “filha da puta” “cabra safado” e “canalha”, adjetivo utilizado duas vezes durante a resposta ao enunciado. Por fim, questiona a capacidade, à época, de o pré-candidato à presidência gerir a nação brasileira. Os comentários vão se tecendo de acordo com as valorações dadas pelo palestrador aos mais distintos assuntos, todos segundo suas visões ideológicas.

A página on-line que publicou o vídeo propôs

¹⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uF2EzmYSyzo>. Acesso em: 15 ago. 2021.

¹⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uF2EzmYSyzo>. Acesso em: 15 ago. 2021.

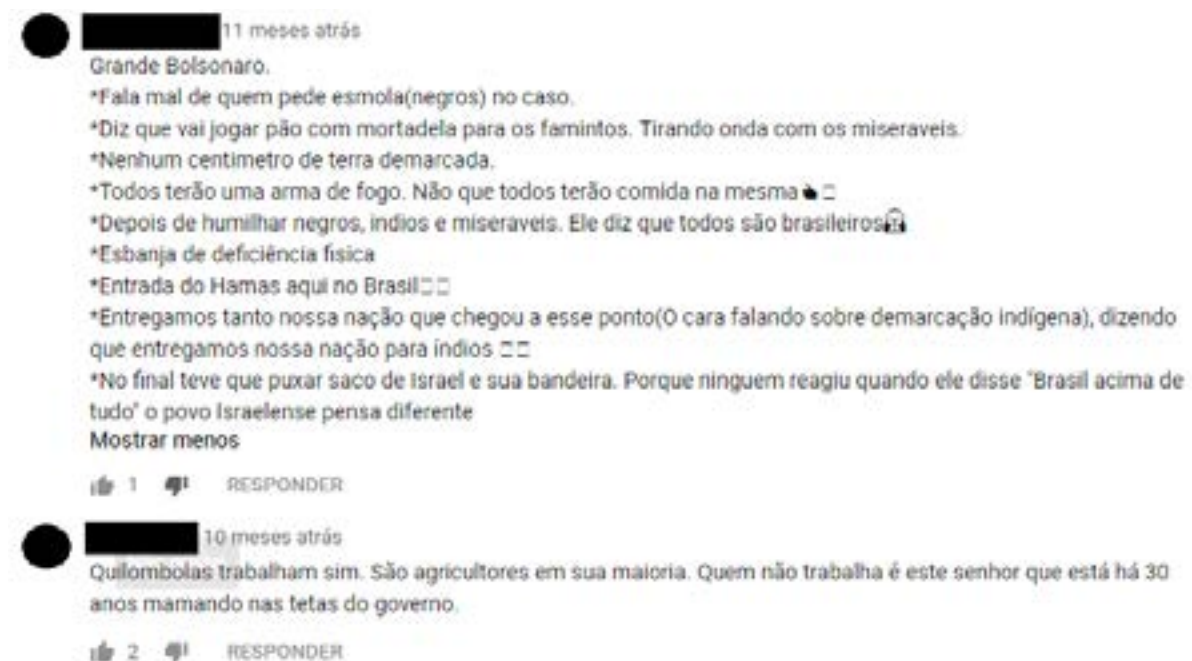
¹⁶ Gordofobia: “[...] é o preconceito em relação ao biótipo que algumas pessoas apresentam acima do normal, não necessariamente ao índice de massa corpórea, mas ao aspecto físico com saliências, longe do corpo atlético.” (TUCHLINKSI, 2020).

o título "O Fascismo de XXXX no Hebraica – Piores momentos". A palavra fascismo é, muitas vezes, atribuída ao palestrante por conta de ele compactuar com muitas das ideias desse movimento político e filosófico imposto (como regime) pelo líder italiano Benito Mussolini em 1922. As ideologias (neo)fascistas estão atreladas, principalmente, segundo Eco (2002), ao tradicionalismo, à aversão a muitas culturas, religiões não tradicionais e à modernidade, à xenofobia e ao racismo, ao ufanismo exacerbado, ao machismo, à homofobia, à elite acima das demais classes sociais entre outras.

Há vários comentários atribuindo essas características ao palestrante. São exemplos de

alguns desses discurso, além dos já supracitados e analisados, os momentos em que ele afirma que, se chegar a ganhar as eleições de 2018 para a presidência do Brasil, fará de tudo para que cada cidadão tenha uma arma de fogo em casa e que não delimitaria nenhum centímetro de terra aos indígenas ou quilombolas brasileiros e, acrescenta ainda – posicionando-se em uma base tradicionalista religiosa – que "Nós somos a maioria", referindo-se aos judeus do Clube Hebraica e aos cidadãos que compartilham de suas ideias e defendem sua vitória nas eleições. Diante disso, alguns comentaristas demonstraram responsividade ativa e publicaram as seguintes respostas.

Figura 3 – Comentários 3 e 4



Fonte: O Fascismo... (2017).¹⁷

O comentarista 3 (Figura 3) ironiza sua fala inicial colocando no título de suas observações "Grande Bolsonaro", utilizando o adjetivo grande como forma de ironia, além disso, elenca vários dos comentários ou atos cometidos pelo presidente. No comentário de número 4, há uma defesa explícita aos quilombolas, o qual não os generaliza como faz o palestrante em seu discurso. O Comentário 4 (Figura 3) revela a informação

de que a maioria dos quilombolas são agricultores, portanto, utilizam a terra para o seu sustento, e complementa demonstrando seu sentimento de revolta pelos 30 anos de cargos políticos sem notáveis contribuições à nação, além de estar, durante todo esse período, "mamando nas tetas do governo" – termo muito utilizado para indicar que muitos políticos brasileiros não fazem jus aos altos salários e que ainda desviam dinheiro

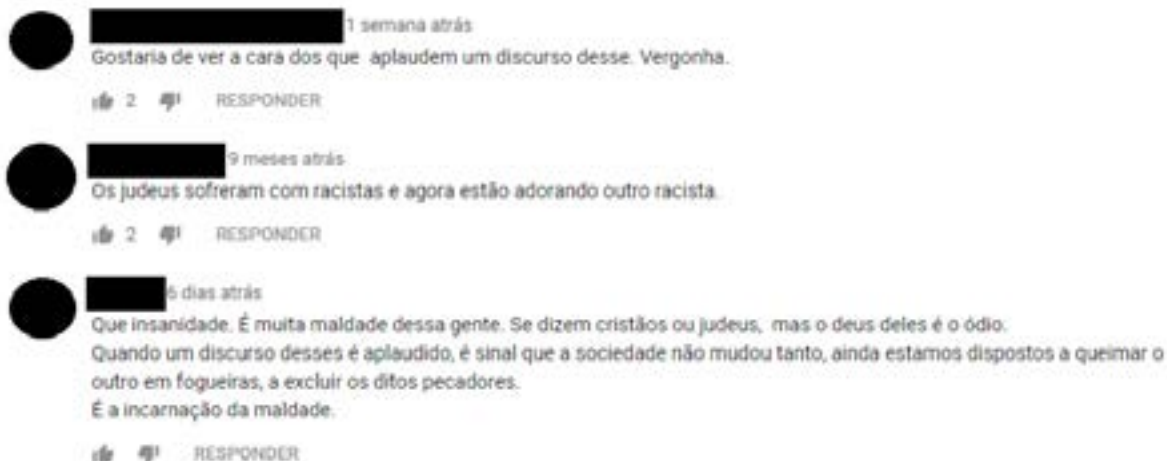
¹⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uF2EzmYSYz0>. Acesso em: 15 ago. 2021.

público para o seu bel-prazer.

Há outros comentários que demonstram os embates ideológicos entre as valorações do discursista e as ativas responsabilidades dos co-

mentaristas. Muitos desses comentários resumem o todo do discurso ou se atrelam a discursos específicos.

Figura 4 – Comentários 5, 6 e 7



Fonte: O Fascismo... (2017)¹⁸.

Nas respostas 5, 6 e 7 (Figura 4), os comentaristas consideram os discursos do palestrante dissonantes daquilo que ele e os judeus ali presentes na palestra deveriam pregar, por estarem dentro de uma sede de uma religião que se diz de fé cristã, seguidores de Jesus Cristo.

No Comentário 5 (Figura 4), a palavra que é atribuída aos apreciadores do discurso do locutor é "vergonha", enquanto o comentário 6 se remete historicamente às barbáries que os judeus sofreram durante o holocausto na Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945).

O comentarista 7 (Figura 4), cujo perfil on-line está caracterizado como gênero masculino, confronta o discurso e acresce a ele a palavra "insanidade". Diz ainda que "o deus deles é o ódio", quando utiliza a palavra "deus", com a inicial minúscula, dá a entender que esse não é o mesmo Deus que os cristãos acreditam, o Deus de Israel, criador do universo e de tudo que nele é encontrado, o Deus de amor, misericórdia e salvação.

As valorações imbuídas no discurso de trazem à frente, de acordo com o Comentário 7 (Figura 4), aquilo que pode ser chamada de "incarnação [sic] da maldade". Se, de um lado, a palavra do palestrante dialoga com o que foi descrito como discurso de

ódio, de outro, inúmeras responsabilidades vão de encontro a esse discurso. Tanto que muitos internautas utilizam a oportunidade de poder deixar um comentário a respeito do vídeo para ir contra aquilo que o emissor prega.

Nessas análises, percebemos que tanto a palavra do palestrante – valorada por suas ideologias – quanto as contrapalavras – ideologias inversas – são subjetivadas de acordo com a estrutura social, cultural, histórica etc. de cada enunciador. As distintas vozes sociais se embatem constantemente na arena em que o discurso foi lançado e, como consequência, estimula, como vimos, as respostas ao discurso.

Considerações finais

Com o auxílio da filosofia da linguagem do Círculo de Bakhtin, analisamos alguns discursos proferidos em uma palestra no Clube Hebraica Rio em abril de 2017 e as respostas dadas por alguns internautas a esses discursos na plataforma on-line YouTube, cuja palestra foi publicada em um de seus canais. Tomamos como base para essas práticas de análises algumas teorias do círculo bakhtiniano com relação aos enunciados

¹⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uF2EzmYSYzo>. Acesso em: 15 ago. 2021.

proferidos, a interação entre estes e as respostas dadas, os signos ideológicos (palavras-signo), os quais impossibilitam a neutralidade dos discursos concretos, e aos gêneros discursivos, que fazem com que todo discurso circule nas mais distintas esferas de comunicação humana segundo sua proposta de interação e linguagem adequada ao contexto.

As análises tiveram como proposta demonstrar como a valoração em enunciados concretos do locutor fez com que surgissem variadas e distintas respostas a esses enunciados, as quais Bakhtin chama de responsabilidades ativas, sejam elas de concordância (parcial ou total) ou de refutação ao que foi dito.

Durante a escolha dos discursos, procuramos enfatizar a proximidade entre a fala de Bolsonaro e suas respostas atribuídas e direcionadas de forma específica ou geral e que dialogassem com outros discursos de circulação social e de mesma carga ideológica, tendo como base que todo enunciado concreto possui um elo anterior e ao mesmo tempo posterior a outros enunciados, além disso, todo locutor, na interação verbal, enuncia prevendo uma resposta.

As propostas de análises discursivas aqui realizadas foram delimitadas e efetivadas a partir de alguns aspectos da teoria bakhtiniana, portanto, não foram esgotadas as possibilidades de utilizá-la para maiores aprofundamentos, o que demandaria tempo e maiores aplicações teóricas do Círculo bakhtiniano.

Finalmente, esclarecemos que, quando se publica um discurso, principalmente na rede mundial de computadores, a internet, ele fica sujeito a inúmeras réplicas com diferentes valores axiológicos, cada qual ligado intrinsecamente ao contexto social de seu locutor. Sendo assim, análises interpretativas são naturalmente viáveis pelos inúmeros acréscimos que produzem diante as teorias e práticas de análise do discurso. É necessário destacar também que aqui a ADD foi utilizada pela importância e contribuição no campo da linguagem dentro dos discursos na interação verbal.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (Capes) - Código de financiamento 001.

Referências

- AMOSSY, R. *Apologia da Polêmica*. São Paulo: Contexto, 2017.
- BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 1. ed. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1981.
- BAKHTIN, M. M. *Estética da Criação Verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, M. M. *Os gêneros do discurso*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BARROS, D. L. P. de. Dialogismo, Polifonia, Enunciação. In: BARROS, D. L. P.; FIORIN, J. L. (org.). *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade*. São Paulo: EDUSP, 2003. p. 29-36.
- BARROS, D. L. P. de. Contribuições de Bakhtin às teorias do texto e do discurso. In: FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. de. *Diálogos com Bakhtin*. 4. ed. Curitiba: Editora UFPR, 2007, p. 21-38.
- BOLSONARO é acusado de racismo por frase em palestra na Hebraica. *Veja*, 6 de abril de 2017. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/bolsonaro-e-acusado-de-racismo-por-frase-em-palestra-na-hebraica>. Acesso em: 15 ago. 2021.
- BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2018. p. 9-31.
- CUNHA, D. A. C. Violência verbal nos comentários de leitores publicados em sites de notícia. *Calidoscópio*, São Leopoldo, v. 11, n. 3, p. 241-249, set./dez. 2013. Disponível em: <http://revistas.unisinus.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2013.113.02/3761>. Acesso em: 15 jul. 2021.
- FARACO, C. A. *Linguagem & Diálogos: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- FIORIN, J. L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2008.
- MACHADO, I. Gêneros discursivos. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2018. p. 151-166.
- MENEGASSI, R. J. Aspectos da responsividade na interação verbal. *Revista Linguas e Letras*. Cascavel, v. 10, n. 18, p. 147-170, 1. sem. 2009. Disponível em: <http://erevista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/2257/1750>. Acesso em: 27 mar. 2019.
- O FASCISMO de Bolsonaro no Hebraica - Piores momentos [S. l.: s. n.], 2017. 1 vídeo (10min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uF2EzmYSYzo>. Acesso em: 16 jul. 2021.

OLIVEIRA, M. K. A.; CUNHA, D. A. C. A dialogicidade em comentários polêmicos envolvendo a CNBB no Facebook. *Linguagem em Foco*, Fortaleza, v. 12, n. 3, p. 302-320, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/4347>. Acesso em: 21 jul. 2021.

PEREIRA, R. A.; RODRIGUES R. H. O conceito de valoração nos estudos do círculo de Bakhtin: a inter-relação entre ideologia e linguagem. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, v. 14, n. 1, p. 177-194, jan./abr. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ld/v14n1/11.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2019.

PONZIO, A. *A revolução Bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea*. São Paulo: Contexto, 2008.

RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L.; BONANI, A.; MOTTA-ROTH, D. (org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 152-183.

RUIZ, T. B. Diretrizes metodológicas na análise dialógica do discurso: o olhar do pesquisador iniciante. *Revista Diálogos*, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 29-59, 2017. Disponível em: <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/5119>. Acesso em: 17 mar. 2019.

SOBRAL, A. *Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2009.

SOBRAL, A.; GIACOMELLI, K. Das Significações na Língua ao Sentido na Linguagem: parâmetros para uma análise dialógica. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, v. 18, n. 2, p. 307-322, maio/ago. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ld/v18n2/1518-7632-ld-18-02-00307.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2019.

SOBRAL, A.; GIACOMELLI, K. Observações didáticas sobre a análise dialógica do discurso - ADD. *Domínios de Lingu@Gem*, Uberlândia, v. 10, p. 1076-1094, 2016. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/874/419>. Acesso em: 17 mar. 2019.

TUCHLINSKI, C. O que é Gordofobia? *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 7 de agosto de 2020. Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento-o-que-e-gordofobia-saiba-quais-sao-os-efeitos-para-quem-sofre-discriminacao.70003391269>. Acesso em: 15 ago. 2021.

VOLOCHÍNOV, V. N. *A construção da Enunciação e Outros ensaios*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

VOLÓCHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Sheila Grillo, Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

Douglas Corrêa da Rosa

Doutor em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), em Cascavel, PR, Brasil. Professor da Secretaria Estadual de Educação (SEED-PR), em Salto do Lontra, PR, Brasil.

Alex Meneghete Vaz

Graduado em Letras Português/Inglês pelo Centro Universitário FAG, em Cascavel, PR, Brasil; mestrando em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), em Cascavel, PR, Brasil. Professor da Rede Municipal de Ensino, em Assis Chateaubriand, PR, Brasil.

Endereço para correspondência

Douglas Corrêa da Rosa

Rua Vereador Crispin Cândido da Silva, 89
São Cristóvão, 85670-000
Salto do Lontra, PR, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.